
“UM SANTUÁRIO DE SABER, AMIZADE E DE TRABALHO...” A ESCOLA ATRAVÉS DOS IMPRESSOS

doi: 10.4025/imagenseduc.v1i3.13342

Milena Cristina Aragão*

* Faculdade Estácio - FASE. mi.aragao@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem como finalidade investigar as representações sobre o papel docente contidas nos periódicos internos da Escola Complementar Duque de Caxias, primeira instituição pública formadora de professores primários de Caxias do Sul/RS, inaugurada na década de 1930, a fim de problematizar seus discursos e sua contribuição para a construção das identidades docentes. As análises dos textos revelaram um cunho fortemente positivista, estando presentes pressupostos da Escola Nova, bem como discursos cívicos e higienistas, além de representações que relacionavam o magistério a uma missão sagrada, apontando, também para o delineamento de um lócus feminino. Concluo o texto problematizando tais representações e destacando a força dos impressos como produtores e reprodutores de discursos e práticas sociais.

Palavras-chave: História da Educação. Cultura Escolar. Representações. Identidade.

ABSTRACT: “A SANCTUARY OF KNOWLEDGE, FRIENDSHIP AND WORK...” THE SCHOOL THROUGH THE JOURNALS. This paper aim to investigate the representations of the teachers role present in the journals of the first Complementary School of Caxias do Sul/RS, inaugurated in 1930, to discuss speeches about teachers role and the contribution of these speeches to the construction of teachers identity. The analysis of the texts reveled a strongly positivistic nature, being present assumptions of the New School movement, as well as civic discourse and sanitarian discourse, and representations that related teaching and sacred mission, point also to the design of a female locus. The paper was conclude with a discussion such representations and pointing the importance of this speeches in the construction of teachers identity and practices.

Keywords: History of Education. School Culture. Representations. Identity.

Considerações iniciais

Em minha trajetória escolar, tive a oportunidade de ter aulas com um professor de Português muito interessante. Digo oportunidade, porque ele nos agradava – e divertia – com muitas histórias, dizia ele que a vida necessitava de mais imaginação, criatividade, prazer. Sua marca registrada era a frase: ‘Esperem, vou começar do início’.

Lembrei-me deste professor por escolher parafraseá-lo, ou seja, vou começar este artigo do início... Contudo me peguei pensando: onde fica o início? Mergulhar nas tramas da história nos faz pensar na diversidade de ‘inícios’. Tantos ‘inícios’, quanto temas estudados, contextos investigados e sujeitos escritores.

Assim, delineei meu início a partir da contextualização de um dos conceitos centrais deste artigo, ou seja, o conceito de representação, uma vez que tenho como

objetivo investigar as representações sobre os professores nos periódicos internos da primeira escola pública complementar de Caxias do Sul/RS, inaugurada na década de 1930, abordando, também, sua contribuição para a construção das identidades docentes.¹

Na perspectiva da História Cultural, as representações são construídas por uma sociedade num dado tempo histórico para dar sentido à existência humana, classificando o mundo e as relações, fazendo com que os

¹ A pesquisadora Roseli Bergozza escreveu sua dissertação de mestrado - defendida no Programa de Pós Graduação em Educação da UCS/RS em 2010 – sobre as culturas escolares da Escola Complementar Duque de Caxias, de onde foi construído um texto, em conjunto com a Professora Terciane Ângela Luchese, tendo os impressos desta instituição como objeto de estudo. Em decorrência disto, não intenciono, neste artigo, reconstruir a história da escola, mas fazer um recorte, a partir de seus periódicos internos, que possibilitem entender como a função docente era representada nestes jornais, problematizando sua construção identitária. Como tive acesso aos periódicos originais, os discursos extraídos destes diferem dos destacados tanto da dissertação, quanto do texto supracitado.

sujeitos percebam a realidade e pautem suas vidas a partir dela. Em linhas gerais, são como matrizes geradoras de sentido, condutas e práticas sociais, expressas na forma de símbolos, mitos, religiões, imagens, instituições e discursos (CHARTIER, 1990; PESAVENTO, 2008).

Enquanto produtoras de sentido, as representações são percebidas pelos sujeitos como a expressão fidedigna do real, sendo reproduzidas ao longo da história como uma verdade universal, quando, de fato, a sua expressividade se encontra no seu caráter de substituição, ou seja, “[...] a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem.” (PESAVENTO, 2008, p. 41). Neste sentido, ela se insere “[...] em regimes de verossimilhança e de credibilidade e não de veracidade.” (PESAVENTO, 2008, p. 41).

Conforme Chartier, “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (2009, p. 52). Partir deste princípio é considerar o real (ou o que percebemos dele) como uma construção cultural, fruto de relações de poder e tensões expressas num dado contexto histórico, adquirindo características mais ou menos maleáveis, na medida em que são produzidas conforme seu tempo. “As representações [...] dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.” (PESAVENTO, 2008, p. 41).

Desta forma, as representações são marcadas pelo tempo e pelo espaço. Não são a verdade em si, mas apresentam possibilidades para pensar e entender um dado momento histórico. São construídas para significar e integrar grupos sociais, balizando territórios, delimitando trânsitos, normatizando olhares e comportamentos e envolvendo, com isso, processos identitários, na medida em que produzem uma sensação de pertencimento a um dado grupo social, a partir do reconhecimento de analogias e divergências, fornecendo a coesão grupal e articulando uma percepção sobre o mundo (PESAVENTO, 2008).

Neste contexto, para presentificar os docentes residentes na história, problematizar suas representações e compreender sua construção identitária, convido o leitor a regressar no tempo e no espaço, caminhando pelas calçadas da cidade de Caxias do Sul/RS, até chegar às dependências da recém-construída Escola Complementar Duque de Caxias que, em 1930, já era inaugurada com grande expectativa pela sociedade caxiense.

Os primeiros passos

A formação de professores na cidade de Caxias do Sul/RS iniciou com a criação da Escola Complementar Duque de Caxias. A inauguração desta escola ocorreu num período histórico de renovação pedagógica. Os anos 30, do século XX, apresentam-se como um reflexo de todas as mudanças ocorridas desde o século XVI, quando o esforço estava em abrir escolas; passando pelo século XVIII, com a preocupação em formar professores, até o século XIX, onde há o fortalecimento do olhar sobre o método e sobre a disseminação educacional para toda população. John Dewey (1859-1952) filósofo e pedagogo, já defendia a educação como necessidade social, sendo um dos precursores do movimento Escola Nova, que chegou ao Brasil na década de 1930, corroborado por Anísio Teixeira (1900-1971), Lourenço Filho (1897-1970) e Fernando de Azevedo (1894-1974). Os pensadores escolanovistas acreditavam na transformação social através da educação, propondo a modificação de técnicas de ensino e a escolarização laica e gratuita. Em linhas gerais, este movimento defendia a educação como elemento eficaz para a construção de uma sociedade democrática, formando cidadãos atuantes, capazes de debater e refletir sobre si e seu papel no mundo (CAMBI, 1999; VEIGA, 2007).

A escola Complementar Duque de Caxias², imersa neste contexto, foi fundada com o intuito de democratizar o ensino e a formação de professores, tendo como lema: ‘Educar-se para educar’.

Abrindo os portões da ‘Duque’: Considerações sobre cultura escolar

² Saliento que a Escola Complementar Duque de Caxias mudou sua designação ao longo dos anos, passando a ‘Escola Normal Duque de Caxias’, posteriormente, a ‘Colégio Estadual Cristóvão de Mendoza’ e, desde o ano de 2000, chama-se ‘Instituto Estadual Cristóvão de Mendoza’.

Lema é uma palavra utilizada para resumir as características de algo, podendo ser um lugar, um produto ou até mesmo uma pessoa. Ela expressa valores, conceitos, sentimentos, comportamentos, representações, identidades. Nesse sentido, é possível aferir que o lema escolhido para representar a Escola Complementar Duque de Caxias revela traços de sua cultura.

Abrir os portões de uma escola significa entrar em um universo complexo, imerso numa rede de relações e significações que envolvem sujeitos, artefatos, tempos, espaços. Viñao Frago afirma que as culturas escolares são “[...] toda la vida escolar: hechos e ideas mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decidir y hacer.” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69). Investigar as culturas escolares de uma determinada instituição nos permite “[...] identificar o modo como em diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 16). Ela envolve toda a vida escolar, suas práticas, modos de ser, pensar e fazer.

Julia (2001) apresenta a cultura escolar como um importante campo de investigação em História da Educação, interpretando-a como um conjunto de normas e práticas que definem os saberes a ensinar e os valores e comportamentos a inculcar. O autor ressalta que as culturas escolares não são estagnadas, ao contrário, estão sempre em movimento, são dinâmicas, na medida em que elaboram e reelaboram suas normas e práticas, sendo ao mesmo tempo o processo e o resultado das experiências, das práticas, das vivências dos sujeitos que fazem a escola. Desta forma, investigar a cultura escolar é estudar as práticas e os significados que permitem construção e transmissão dos conhecimentos, valores e comportamentos.

Neste sentido, para nos aproximarmos dos fazeres ordinários da escola, é preciso analisar os aspectos que constroem as culturas escolares, o que inclui sua materialidade.

Conforme Souza:

Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserido as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino,

como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, p. 170).

O estudo da cultura material escolar é um campo de investigação de suma importância para a problematização do universo escolar em sua complexidade, bem como da sociedade em seus diferentes tempos históricos, já que participam ativamente de sua construção cultural. Assim, o estudo da cultura material escolar deve envolver uma série de questionamentos relacionados não só a função do objeto, mas ao sentido que é dado a ele pelos sujeitos, seu uso, sua receptividade, sua aquisição, procedência, produção, custo, o motivo de sua escolha, sua ausência, enfim, uma gama de investigações que ampliam o conhecimento histórico sobre educação (VEIGA, 2000). Apropriando-me das palavras de Felgueiras: “[...] a cultura material escolar revela uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola.” (FELGUEIRAS, 2010, p. 31). A autora afirma, ainda, que os materiais carregam um pouco de nós, na medida em que atribuímos a eles afetos e significados para além de sua concretude, contribuindo para a constituição de nossa subjetividade, ao mesmo tempo que nos revelamos através deles.

Desta forma, os periódicos elaborados pela Escola Complementar revelam em seus escritos, a materialidade da cultura escolar da ‘Duque de Caxias’, permitindo ver para além das letras, na medida em que contribuem para decifrar o que Julia (2001) chama de ‘caixa preta escolar’.

Os impressos da ‘Duque’: representações em destaque

Mergulhar nos periódicos da Escola possibilitou olhar para além da espuma das ondas, significou adentrar num mundo de práticas e representações “[...] expressos numa cultura material que, simultaneamente, traduz as concepções de uma sociedade e manifesta as condições que puderam ocorrer.” (FELGUEIRAS, 2010, p. 29).

Em 1932, a Escola Complementar Duque de Caxias cria três comunicações internas, com o intuito de agregar alunos, professores, gestores e comunidade, dando-lhes voz e vez na

construção de uma cultura escolar: *A Voz da Mocidade*; *Folha da Escola* e *Centelha*³.

O jornal *A voz da Mocidade* tinha como objetivo valorizar e desenvolver as habilidades dos alunos com relação à escrita, sendo um espaço onde os jovens expressariam suas ideias em forma de redação, poesia, homenagem, humor, bem como informações diversas, tendo como intuito, também, ser uma ponte entre alunos, professores e pais. Era de circulação mensal.

O jornal *Folha da Escola*, também de circulação mensal, foi criado com vistas a:

[...] unir os estudantes e aproveitar as vocações literárias, humorísticas e poéticas, que se manifestam entre os colegas e eu não seriam conhecidas de outra maneira, ou por timidez ou por falta de ocasião. Suas colunas estarão francas aos colegas e professores que queriam colaborar, auxiliando-os em nossas obras de unificação e dando-nos conselhos e sugestões que serão recebidos com prazer. Nele serão discutidos problemas relativos ao ensino, e tudo o que possa contribuir para a maior cultura cívica e literária da mocidade escolar.⁴

No jornal, também eram publicadas produções dos alunos da escola complementar e do colégio de aplicação, tendo, inclusive, circulação pelo Estado e até mesmo fora de suas fronteiras (LUCHESE; BERGOZZA, 2009).

O Jornal *Centelha* – de circulação mensal - assim como outros jornais, tinha como objetivo valorizar e estimular a escrita das alunas da escola complementar, sendo um órgão exclusivo deste público.

Tinha, ainda, como objetivo ser um instrumento integrador entre os alunos, professores e com a própria comunidade. As páginas eram utilizadas para divulgar textos informativos, produções dos próprios alunos acerca dos estudos realizados, 'planos de lição', receitas,

sínteses e ou comentários de obras literárias, notícias do Circulo de Pais e Professores, acontecimentos sociais da escola. (LUCHESE; BERGOZZA, 2009, p. 163).

Abaixo destaco os periódicos analisados para este artigo. Cabe salientar que somente estes exemplares foram encontrados no acervo da Instituição. Não há informações sobre outros números, tampouco sobre sua distribuição e período em que circulou.

Quadro 01: *Corpus* documental analisado⁵

Periódico	Quantidade de exemplares analisados	Mês	Ano	Ano e número dos exemplares
<i>A voz da mocidade</i>	02	Set. Out.	1945	Ano I, n. 3 e 5, respectivamente
<i>Folha da escola</i>	03	Set. Out. Nov.	1939	Ano I, n. 1, 2 e 3, respectivamente
<i>Centelha</i>	07	Abr. Mai. Jul. Nov.	1932	Ano I, n. 1, 2, 3 e 4, respectivamente
		Mai. Ago. Out.		

Fonte: Periódicos internos da Escola Complementar Duque de Caxias, depositado no acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

Quando pude ter acesso a estes impressos fiquei maravilhada! Olhava-os e imaginava a quantidade de mãos que o tocaram, o sentimento de alegria quando o primeiro exemplar 'saiu do forno' ou quando uma aluna encontrou seu texto publicado, percebendo que suas palavras viajavam para além da sala de aula.

Meu papel, enquanto pesquisadora, foi o de me embrenhar nessas linhas e encontrar as

³ Saliento, mais uma vez, que Luchesi e Bergozza (2010) realizaram um estudo sobre tais impressos, no texto intitulado: *Histórias da "Duque" a partir de seus impressos: A Escola Complementar Duque de Caxias 1930 a 1945*, elas apontam detalhes sobre sua circularidade, custo, forma de exposição, número de páginas, redatores, local de abrangência, entre outras informações. Neste artigo não tratarei dos impressos, mas das representações sobre a função e o perfil docentes presentes nestes jornais.

⁴ Jornal *Folha da Escola*, ano I. n. I, set. 1939, p.1. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

ARAGÃO, M. C.

⁵ A escolha destes periódicos foi em virtude da escola dispor somente destes exemplares em seu acervo.

representações que ajudaram a construir as identidades docentes dos professores e professoras caxienses, proporcionando, como coloca Pesavento (2008), conhecer o ausente e trazê-lo para o presente.

Mas, caminhar por estes escritos exigiu-me uma profunda curiosidade investigativa, problematizando, escavando, garimpando, questionando cada discurso, cada registro. Nas palavras de Ginzburg, devemos transitar em busca de “[...] pistas talvez infinitesimais que permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível.” (GINZBURG, 2007, p. 150).

Neste sentido, a fim de investigar as representações contidas nos textos analisados, categorizei os jornais, elaborando tabelas contendo o nome, formato, conteúdo, produção de sentidos, periodicidade, tiragem, modo de manipulação e observações.

A partir desta ação, pude visualizar a riqueza que tinha nas mãos e as inúmeras possibilidades investigativas que tais periódicos possibilitavam.

Desta forma, à procura por indícios, encontrei um trecho do jornal *Centelha* de 1932, que revela as representações do que uma aluna do terceiro ano da Escola complementar acredita ser a função da escola:

[...] a nossa escola acolheu jovens brasileiros, que encontraram, nas suas salas, sopros benfazejos de cultura, campo adubado para a confraternização de idéias. Terminado o período de curso, com os olhos marejados de lágrimas, todos partirão deixando esta casa que é um santuário de saber, de amizade e de trabalho.⁶

Este fragmento parece revelar a escola como um lugar perfeito, iluminado, traduzido, talvez, no melhor momento da vida de uma jovem. Vale salientar, mais uma vez, que esta escola está imersa num contexto social para além de seus muros, sofrendo as influências de ideais disseminados socialmente e que determinavam formas de pensar e agir. Falo do Positivismo, uma diretriz filosófica marcada pela sacralização do método científico, que via a educação como o caminho para a reorganização social, tendo como base a ciência, condição para o alcance da ordem e do progresso. Desta forma, para

construir uma sociedade organizada e desenvolvida, seria indispensável preparar as pessoas através da educação. O lema ‘Educar-se para educar’ teve seu motivo (SILVA, 2004).

Pois bem, um local tão próspero, responsável pelo progresso da nação, deveria dispor de um quadro profissional alinhado com este ideal. Nesse sentido, o professor tinha papel preponderante, conforme o trecho abaixo, redigido por uma aluna no terceiro ano da Escola Complementar:

O professor exerce, nos tempos modernos, uma ação poderosa na formação das novas gerações. Essa ação é muito complexa e delicada e exige do professor muitas condições difíceis de preencher. É necessário para ser um educador perfeito ter saúde, moral exemplar, um digno procedimento na sociedade, possuir um preparo sólido intelectual, uma constante cultura profissional, consciências de suas responsabilidades e manter sempre vivo e renovado o interesse nas suas ocupações quotidianas [...].⁷

O professor deveria, ainda, na visão desta aluna, deixar o aluno “[...] agir, pois o esforço que ele faz para compreender e sentir é o agente educativo por excelência.” (Ibdem). Completa, afirmando que o professor:

[...] apenas deve servir-lhe de guia, ajudando-o a vencer as dificuldades que se lhe apresentem. Deve ainda, para cumprir as condições de um bom educador, provocar o interesse, não observar pela criança, não dar conclusões e não pensar por ela. [...] Estes são os principais requisitos que devemos procurar preencher, si quisermos ser verdadeiros educadores modernos.⁸

Os fragmentos acima revelam que o discurso pedagógico escolanovista ecoava nas dependências da ‘Duque’. De acordo com Cambi, nas palavras de Veiga:

[...] é possível sintetizar o novo movimento pedagógico em sete temas básicos: puericentrismo (procedimentos

⁶ Jornal Centelha, ano I, n. 4, Nov/1932, p.2. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

ARAGÃO, M. C.

⁷ Jornal Centelha, ano I, n. 3, jul/1932, p.4. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

⁸ Jornal Centelha, ano I, n. 3, jul/1932, p.4. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

didáticos centrados na criança); ênfase na aprendizagem pela atividade; motivação; estudo a partir do ambiente circundante; socialização, antiautoritarismo (críticas a imposições) e antiintelectualismo (crítica ao verbalismo de muitos programas de ensino). (VEIGA, 2007, p. 217).

No jornal *Folha da Escola*, uma aluna do terceiro ano também expõe sua representação sobre o perfil docente, corroborando com as colocações anteriores:

Na educação, o elemento mais importante, de maior responsabilidade é o educador. Dele, gerações de crianças vão receber o alimento para o espírito, as armas para vencerem a luta pela vida. A consciência de sua grande responsabilidade deve fazer do mestre um apóstolo da sua profissão. [...] Deve ser psicólogo, identificando-se perfeitamente com a classe. [...] Delicada é a missão do mestre, e para bem cumpri-la, ele deve ter a chama sagrada do ideal a animá-lo e guiá-lo. [...] A preocupação do mestre será dar educação integral a seus jovens discípulos, a fim de contribuir da melhor maneira possível para o progresso da sociedade e da Pátria.⁹

Desta forma, cabia ao professor ser um símbolo de perfeição – dentro dos ditames da época - saudável, íntegro, moralmente ilibado, ciente de seu papel, um dos responsáveis por promover a ordem e o progresso do país, por executar competentemente o novo modelo pedagógico.

Contudo, em meio a tais representações, algumas palavras me intrigaram. Aparecem nos fragmentos apontados, expressões como: santuário, apóstolo, discípulo, missão. Palavras comumente proferidas no universo religioso.

A construção da 'sagrada missão pedagógica' como bem enuncia Eliane Marta Teixeira Lopes (2001) no artigo homônimo, considera a docência como vocação, missão, uma função sagrada.

Kreutz (2004) sinaliza que esta relação encontra raízes históricas. A partir da Idade Média, a função docente era compreendida como um dom divino, considerada uma missão sagrada, sendo o professor o “[...] mediador de Deus junto aos alunos e à comunidade.”

(KREUTZ, 2004, p. 160), devendo demonstrar “[...] aplicação e vontade de ensinar, paciência e verdadeiro amor aos alunos.” (KREUTZ, 2004, p. 160).

O autor segue, argumentando que a cristandade - por influência de Platão - dividia o mundo em dois pólos: o mundo das sombras, corpóreo, atrelado às coisas materiais; e o espiritual, mundo das ideias, verdadeira morada do sujeito, para onde deveria ser encaminhado. Desta forma, seria da educação a tarefa de identificar “[...] o que pertencia ao mundo das sombras (o corpo, o desejo, os sentidos, o pecado, etc).” (KREUTZ, 2004, p. 144) e orientar o sujeito rumo ao mundo espiritual. A incumbência de promover esta passagem era do professor, o qual melhor conhecia este universo. Por isso o magistério converteu-se numa vocação, numa missão sagrada.

[...] Alta e nobre missão. Todo aquele que promete a si mesmo ser um dia educador deverá conhecer, de antemão, o seu dever, pois dele depende somente o êxito da educação. [...] estas flamas devem arder perenemente em seu coração, para fazer da sua obra um sacerdócio [...].¹⁰

Todavia, vestir a roupa da dedicação, da entrega genuína em nome do progresso da pátria certamente não era uma tarefa fácil, como aponta o trecho a seguir: “[...] espinhoza missão que, embora a custo dos maiores sacrifícios, havemos de desempenhar com dedicação e carinho [...].”¹¹.

A devoção apontada nos trechos destacados das revistas, já ecoava em textos da década de 40 do século XIX, como revela o livro *Recomendações sobre a direção de Escolas Maternais*, escrito em 1847 por Marie Carpentier:

Para aceitar uma missão de devotamento é preciso ter o elã do entusiasmo; mas para se manter na abnegação de si mesmo, para suportar por muito tempo sem se queixar e sem fraquejar uma vida de fadiga e provas [...] é preciso, como aos apóstolos, ajuda do alto, algum ponto de vista no qual a obra laboriosa possa nos aparecer bela como a caridade cristã. (apud LOPES, 2001, p. 42).

⁹ Jornal *Folha da Escola*, ano I, n. 2, out.1939, p. 4. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

ARAGÃO, M. C.

¹⁰ Jornal *Centelha*, ano I, n. 1, mai. 1933, p. 4. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

¹¹ Jornal *Centelha*, ano I, n. 1, abr. 1932, p. 1. Depositado no Acervo no I.E.E. Cristóvão de Mendoza.

Interessante notar no trecho acima, a frase 'caridade cristã'. Espera-se que numa ação caridosa, não haja outras intenções senão aquela de auxiliar o próximo. Ora, associar o magistério à caridade, à doação, ao sacrifício, seria afastá-lo de questões ditas 'mundanas' como, por exemplo, o dinheiro: "[...] que é ser professor: é ser idealista, não ter grandes ambições materiais, trabalhar pelos outros, pela felicidade alheia." (apud LOPES, 2001, p. 42)¹².

Nesse sentido, é possível aferir que a relação do magistério com o sagrado, pode conter – implicitamente ou não – um mecanismo de controle e poder. Ora, quanto mais próximo estiver de Deus, mais longe estará do mundo e a tudo relacionado a ele.

Argumento, com isso, nas palavras de Chartier (1990), que há relações de poder na construção de representações, que são determinadas pelos interesses de um grupo que as fabrica. A ciência disto nos convida a relacionar os discursos proferidos com o lugar que este grupo ocupa na sociedade.

Neste sentido, identidades iam sendo construídas, pautadas em representações que exigiam dos docentes características como amor, paciência, cuidado, doação, bondade, resignação e sacrifício.

Na leitura dos fragmentos destacados dos Jornais da Escola Complementar Duque de Caxias, observa-se que são todos discursos proferidos por mulheres. De fato, havia o domínio de alunas do sexo feminino na instituição, tendo esta, recebido a matrícula de 84 complementaristas (BERGOZZA, 2010).

A presença massiva de mulheres na docência infantil não chama a atenção, tendo em vista a difusão de discursos religiosos e positivistas que alçavam a mulher à condição primária de mãe, esposa e civilizadora social, responsável por cuidar e educar o futuro do país, moralizando-o e regenerando-o através da educação. Assim, o magistério seria uma extensão do lar e de uma atividade naturalmente praticada pelas mulheres.

[...] se a maternidade é, de fato, o seu destino primordial, o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não

subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. (LOURO, 1997, p.78).

Interessante notar que a última página do jornal *Folha da Escola* de setembro de 1939 é dedicada especialmente à mulher, sendo intitulada 'Página Feminina', onde há receitas culinárias enfeitadas com desenhos de flores e vasos.

Destaco, também, o trecho de uma correspondência expedida pela diretora da Escola Complementar Duque de Caxias ao Diretor Geral da Instrução Pública de Porto Alegre, em 1933 a qual reforça a representação da docência de crianças como 'coisa de mulher', tendo em vista alguns conteúdos ministrados (destaque para o uso da palavra 'aluna' na carta).

Na sala do 1º ano, chamavam a atenção os trabalhos práticos de Economia Doméstica, tais como perfumaria variada, fabricadas em aula pelas alunas, dentífricos, amostras de ponto de lã e crochet, [...] uma proveitosa lição para futuras donas de casa e mesmo professoras [...] infelizmente não nos foi possível realizar dois úteis e interessantes projetos para a cadeira de Economia, a criação de uma cozinha modelo, onde as alunas pudessem praticar a arte culinária e uma seção de puericultura, que consistiria em aulas práticas de banhos, preparos de mamadeiras, vestir e despir criancinhas, etc., utilizando para isso crianças pobres das imediações da escola. (apud ARAGÃO; KREUTZ, 2009, p.7).

Penso a dupla responsabilidade atribuída à professora, na medida em que, enquanto docente, carrega as representações construídas sobre esta função e como mulher, veste a roupa da maternidade, dispondo de outras representações que, somadas, colaboraram para constituir as identidades da professora primária.

Os discursos difundidos nos jornais da Escola Complementar Duque de Caxias representavam o ideário da sociedade brasileira na década de 1930. Evidentemente não é possível destacar todos os trechos presentes nos jornais investigados – mesmo que a vontade exista – contudo, a presença do discurso cívico é freqüente em todos eles, a exemplo do jornal *A voz da Mocidade* de novembro de 1945, que apresenta muitas redações legitimando a resignação frente às batalhas da vida, bem como

¹² Trecho do livro de Afro do Amaral Foutoura, intitulado *Didática Geral*, publicado em 1961 e reeditado 15 vezes.

enaltecendo a pátria e seus criadores como heróis. Desta forma, o culto à pátria - através da educação - inculcaria nos sujeitos, futuros docentes, o sentimento de nação, formando seres aptos a conduzir o país rumo ao progresso.

O discurso médico-higienista também se fez presente através de textos que tratavam da 'boa higiene', como lavar as mãos, os alimentos, as roupas e manter a casa limpa e bem arrumada. Informativos sobre doenças e como combatê-las também eram comuns em todos os jornais, afinal, ter uma nação saudável era mais um ponto positivo para o progresso do país e, como os docentes tinham a incumbência de formar o 'futuro da nação', estas eram informações indispensáveis nos periódicos da escola.

Diversas foram as representações construídas sobre o papel docente e o lugar da escola na sociedade. Os jornais foram portadores de informações, mas também disseminavam o discurso vigente. Conforme Kreutz (2005), este era um momento histórico de forte cunho nacionalista, que colocava a escola como ponto central na construção de um Estado Nacional. Assim, estes impressos contribuíam não só para construção de uma identidade profissional, mas também uma identidade nacional.

Considerações Finais

Veja ou outra eu e minha avó passamos longas horas conversando sobre seu passado: seus tempos de menina, a vida na escola, o trabalho como professora, a vinda dos filhos... Nesse tecido que vamos criando, ora utilizamos fios feitos de lembranças, ora usamos linhas confeccionadas no agora. Através de suas narrativas, acompanho-a até o passado, mas não deixo de olhar para o hoje e relacionar sua vida de ontem com a que vivencia no presente e, assim, também vou compreendendo minha própria história.

Ler os jornais da Escola Complementar Duque de Caxias me remeteu a esses momentos. Mesmo não estando ao lado dos professores, alunas e gestores da escola, pude presentificá-los através de suas representações. O contato com seus escritos me permitiu viajar no tempo e no espaço, alinhar o tecido com seus discursos e, então, entender e problematizar suas representações sobre a função docente. Representações redigidas por seus próprios punhos, mas que espelhavam toda uma cultura,

revelando o lugar ocupado pelas instituições de ensino e seus porta-vozes.

Com a linha do passado nas mãos, projeto-me para o hoje e reflito sobre a presença de tais representações em nosso cotidiano. Palavras como 'vocação', 'missão', 'futuro do país', entre outros ecos positivistas, escolanovistas e religiosos são claramente ouvidos dentro e fora das escolas do século XXI. A exigência de professores perfeitos navega pelos anos e ancora no hoje. Por quê? Há decorrências? Outros questionamentos, novas pesquisas.

Os impressos traduziram-se num excelente veículo de informação, mas, fundamentalmente, de disseminação da cultura vigente. O objetivo explícito nestes jornais era proporcionar aos alunos e professores uma forma de expressão. Contudo, reflito como essa voz ecoava no cotidiano: como as palavras tão bonitas que enalteciam o professor eram apropriadas pelas alunas? O que foi internalizado? Nas conversas de corredores, o que diziam sobre sua função? Que outras representações estavam impregnadas no universo escolar? O que outros artefatos podem nos contar sobre a cultura da 'Duque' e seu contexto histórico? Como pensar a articulação entre tais discursos e as práticas?

Enfim, questionamentos que mobilizam descer ainda mais nesse oceano de representações, buscando numa gama de fontes - entre materiais e sujeitos - nos distanciarmos da espuma das ondas para então, construir uma narrativa plausível, capaz de nos auxiliar a olhar o presente e nossa responsabilidade como produto e produtores de representações.

Referências

- ANTUNES, D. P. **Documento Histórico do município de Caxias do Sul: 1875 - 1950**. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. 1950. Disponível na Biblioteca Setorial da Unisinos/RS.
- ARAGÃO, M.; KREUTZ, L. A Feminização do magistério e as representações sobre a mulher-professora. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, 9., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009.
- BERGOZZA, R. **Escola Complementar de Caxias**: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de

- Caxias do Sul (1930 – 1961). 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Filosofia e Educação, Universidade de Caxias do Sul, RS, 2010.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. **Entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difel, 2002.
- FELGUEIRAS, M. L. Cultura escolar: da migração do conceito a sua objetivação histórica. In: FELGUEIRAS, M. L.; VIEIRA, C. E. (Ed.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010, p. 17-32.
- GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- LOPES, E. M. T. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, E. M. T. (Org.). **A psicanálise escuta a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, G. L. Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação. In: CATANI, D. B. (Org.). **Docência, Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- LUCHESE, T. Â.; BERGOZZA, R. M. Histórias da “Duque” a partir de seus impressos: A escola Complementar Duque de Caxias 1930 a 1945. In: TAMBARA, E.; CORSETI, B. (Org.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPEL, 2009.
- KREUTZ, L. **Professor Paroquial: Magistério e Imigração alemã**. Pelotas: Seiva, 2004
- _____. A nacionalização do Ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. **Fronteiras**, Santa Catarina, n. 13, 2005.
- PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SILVA, J. C. da S. Utopia positivista e instrução pública no Brasil. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 16, p. 10-16, dez. 2004.
- SOUZA, R. F. de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.
- VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set. dez., 1995 .
- VEIGA, C. G. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. Cultura Material Escolar no século XIX em Minas Gerais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040_cynthia.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2011.

Recebido em 05 de maio de 2011.

Aceito em 27 de setembro de 2011.